

# **Fritz Müller**

*O gênio desconhecido que pôs o Brasil no centro  
da revolução científica de Charles Darwin*

Evandro de Assis

## 1 - Aipim

### *Manihot esculenta*

Depois que os tiros silenciaram, por uma hora a claridade ainda incriminaria os soldados em fuga. O morro nem começara a engolir o sol, anunciando o crepúsculo apressado comum aos vales. Em busca de um esconderijo onde pudessem aguardar a proteção da noite, seis feridos cambaleavam pela estrada, acossados pelos colonos que deveriam ter subjugado.

A duras penas venceram o primeiro de 12 quilômetros rumo ao acampamento da noite anterior, na freguesia de São Pedro Apóstolo. Para aquela direção lançou-se o resto da tropa, formada por 200 praças — desconsideradas as baixas provocadas pela emboscada. Então atravessaram um pontilhão de madeira e, ao contornar a curva à esquerda, depararam com o espectro de um idoso.

Aos olhos de quem se esquivava da morte, o homem magro e ossudo à beira do caminho devia mesmo parecer um emissário do além. Movimentava-se com a sutileza de um autômato, apoiado num cajado rudimentar. Mesmo os vizinhos, que compartilhavam da escassez dos tempos coloniais, consideravam excêntrico o modo como vestia-se. Andava de pés invariavelmente descalços, camisa larga e surrada entreaberta, oferecendo o peito grisalho e costelento ao inverno. Um chapéu de palha protegia a cabeça calva.

Vivia a poucos metros da estrada, de modo que pôde acompanhar todo o desenrolar da batalha, desde a aproximação da força policial até a fuga destrambelhada que trouxe até ele meia dúzia de homens cuja saúde inspirava cuidados sérios. Tratou de socorrê-los, honrando o juramento de médico que, por motivos outros, recusara-se a pronunciar mais de 40 anos antes. Os soldados machucados estavam em boas mãos, por enquanto.

Era julho de 1893 e a guerra civil brasileira avizinhava-se. O governo interventor de Santa Catarina lançara a força policial rio acima para retomar o controle de Blumenau, declarada capital dos rebeldes. Nada inédito. Um ano antes, quando a coerção ainda não era regra na política da província, 45 policiais haviam tomado e dissolvido a intendência municipal, então liderada pela oposição, sem que se ouvisse um único disparo. Agora, com o triplo de soldados e até cavalaria à disposição, a operação parecia resolvida antes mesmo da chegada. A certeza de que não haveria resistência talvez explicasse a aproximação displicente.

Como um contraforte natural aos forasteiros, o Morro do Aipim comprime a estrada junto ao rio à medida em que a cidade se aproxima. Do lado direito, 100 metros de corrente turva até a margem oposta. À esquerda, um barranco íngreme de onde colonos atocaiados observaram a chegada do contingente relapso. Quatrocentos passos à frente, diante de uma barricada de madeira oculta por uma curva, a força policial seria abatida feito gado. Isso se um dedo trêmulo ao gatilho não tivesse disparado o tiro acidental que quase pôs tudo a perder para os blumenauenses.

Então choveram balas.

Aos ouvidos de mulheres e crianças do outro lado da encosta, ninguém sairia vivo do *Vorstadt* — ao pé da letra, do alemão, o lugar situado antes da cidade. Nem parecia que a milícia formada às pressas pelos agricultores alemães somava apenas 70 atiradores, ou inexperientes, ou velhos demais. Quase todo homem adulto e toda arma em boas condições estavam com Hercílio Luz e sua “guarda cívica” a caminho da capital para

derrubar o governador. Sobraram espingardas de caça e pica-paus de curto alcance. Faziam mais barulho que estrago, por isso era preciso atrair o inimigo até a menor distância possível.

O disparo precoce de um dos alemães evitou o banho de sangue, mas a caravana militar foi pega em sobressalto mesmo assim. Atirava de baixo para cima contra alvos protegidos por pedras e vegetação. Os policiais que, em desespero, buscaram abrigo junto à barranca do rio encontraram canos fumegantes ocultos pela mata ciliar. Só uma direção convidava os invasores a livrar-se das vespas de chumbo que farfalhavam as árvores: a mesma que os trouxera até ali.

Rio abaixo, a mistura de pavor e excitação que contagia os perseguidos transformou a força policial em turba. Ficaram para trás dois praças mortos, um cavalo agonizante, fuzis, munições e os seis soldados estropeados esgueirando-se pela estrada que até hoje acompanha o zanzar do Itajaí-Açu.

Foi então que encontraram abrigo na casa do velhote. Era uma construção modesta, apesar de erguida, na maior parte, em enxaimel, técnica construtiva europeia sinal de prosperidade para imigrantes que, 30 anos antes, dormiam em choupanas cobertas por folhas de palmiteiro. As paredes de tijolos, suportadas por hastes grossas de madeira encaixadas umas nas outras, desenhando linhas escuras na fachada, eram o que de mais seguro e cômodo podia-se alcançar naquele fim de mundo.

O quintal, cercado por troncos extraídos da mata, exibia uma variedade impressionante de árvores, bromélias e orquídeas, todo tipo de plantas exóticas e um grande pinheiro araucária que podia ser visto a distância. Um jardim incomum para a colônia, onde predominavam pastagens e residências esparsas.

Daquela figura de aspecto singular ouvia-se português bem pronunciado, mas o sotaque acusava: era alemão de nascença. O documento de naturalização brasileira batizou-o Frederico, embora qualquer um minimamente familiarizado com o personagem o trataria por Fritz. Ou ainda, em sinal de respeito, Doutor Müller.

Ninguém em Blumenau, um covil do partido Republicano, esperaria que Fritz Müller se entrincheirasse armado no Morro do Aipim à espera do inimigo. Em matéria de política, era maldito entre os vizinhos. Identificava-se com os federalistas, preferência que impregnava de perigoso significado a assistência prestada aos inimigos machucados. Recebendo-os em sua morada, tratando ferimentos e aliviando agonias, escolhia um lado na guerra. Assim os conhecidos que expulsaram os policiais interventores entenderam o gesto. Não de humanidade, mas de alta traição.

Para piorar a situação, o doutor Müller era confesso simpatizante da monarquia de Dom Pedro II e crítico da República recém-parida pelos militares no Rio de Janeiro. Contrariava tudo o que os vencedores da refrega ao pé do morro defendiam. Em resumo: estava encrencado.

Nos breves comentários de próprio punho que registrou sobre o episódio, Fritz legou uma frígida referência numérica (seis) e um comentário taquigráfico sobre a condição de saúde (grave) dos combatentes. Nunca clarificou se os acolheu para escondê-los dos algozes ou por puro altruísmo, em benefício da saúde e da dignidade. A julgar pelo que se conhece de sua personalidade, é verossímil o ato impensado, no impulso de acudir, sem fazer contas sobre as conseqüências. Uma escolha natural, óbvia, na guerra ou na paz. Por outro lado, há de se levar em conta que junto dele estava August Germer, dono de uma serraria próxima e também partidário do federalismo, o que poderia sugerir um esforço conjunto para salvar aliados políticos.

Os republicanos que flagraram a operação de socorro não tiveram dúvida: encarceraram o ancião na companhia de oito elementos mal-encarados, alguns deles talvez pacientes naquela tarde dramática. Trancafiado em uma cela nos fundos da intendência municipal, Fritz sentiu-se odiado pela colônia que ajudara a construir à base de machado, enxada e ciência, a quem dedicara três décadas de vida e os melhores esforços de uma família numerosa.

Do lado de fora, podia ouvir vozes conhecidas, as mesmas que se acostumaram a chamá-lo de sábio ou doutor, defendendo sua morte por fuzilamento. "O motivo? Provavelmente ninguém daqueles que gritavam pelo nosso sangue vai saber dizer", lamentou.

Nos meses seguintes, os dramáticos acontecimentos da Revolução Federalista e da segunda Revolta da Armada, ambas com repercussões violentas em Santa Catarina, incluindo execuções sumárias de revolucionários, demonstrariam o risco real que as ameaças representavam aos detidos na batalha do Morro do Aipim. Infelizmente, não sobrou registro quanto ao destino dado aos homens feridos que, inadvertidamente, levaram Fritz Müller à cadeia — por ironia, o único imigrante alemão que prejudicaram naquela tarde. Seis personagens anônimos, mas protagonistas de um quadro decisivo da história de um doutor sem diploma de médico, de um sábio sem tino para a política, de um prisioneiro de guerra que nunca empunhou armas para o combate.

Fritz Müller vivia ali, detento, o clímax de uma trajetória insólita, quase ficcional, que trouxe um adolescente curioso da comunidade luterana pastoreada pelo pai, no interior da Prússia, e expeliu, 60 anos depois, na remota Floresta Atlântica brasileira, a 10 mil quilômetros dos círculos científicos europeus que o respeitaram e admiraram, um intelectual de vanguarda, mas com as mãos calejadas pelo trabalho braçal.

As armas de que lançou mão ao longo da vida foram microscópio, caneta e papel. E também machado, foice, enxada e arado. As lutas que travou foram em nome do pensamento livre e do descerramento da racionalidade encoberta por dogmas religiosos e políticos. E ainda contra árvores enormes que precisou pôr abaixo para abrir espaço ao cultivo de subsistência. Foi estudante, aprendiz de farmacêutico, agricultor, médico, naturalista, professor, juiz de paz, político e articulista de jornais. Soldado, jamais.

Fritz aportou no Brasil em 1852 emulando jornadas de naturalistas europeus que fizeram fama explorando os trópicos na primeira metade do século XIX, como Alexander Von Humboldt, Carl Martius e Charles Darwin. Diferente destes, jamais retornou à Europa. Fez do campo de pesquisa lar, seduzido pelas infindáveis possibilidades oferecidas pela natureza brasileira quase intocada e constrangido por convicções gravadas em pedra que estreitaram desde a juventude alternativas profissionais e pessoais.

Tinha 30 anos de idade, duas formações em nível superior, habilitação para trabalhar como professor e conhecimentos suficientes para seguir carreira como farmacêutico quando embarcou mulher e a filha bebê num navio e exilou-se no sul do mundo, abandonando para sempre o pai, quatro dos cinco irmãos, amigos queridos e mestres que admirava. Desfez ou afrouxou laços de afeto que lhe eram caros em nome da coerência. Não poderia viver com uma confissão "nos lábios e outra no coração".

Levou às últimas conseqüências o ateísmo e o posicionamento político que decorria dele na Alemanha do século XIX. Abriu mão de quase tudo para preservar a própria consciência. Na chegada à nova pátria, converteu-se em lavrador um sujeito habituado aos grandes debates do mundo natural e da sociedade, que frequentava aglomerados urbanos como Berlim e Greifswald, que conhecia homens brilhantes e jovens tão ambiciosos

quanto ele. Precisou lidar com outras premências: derrubar a mata, erguer a própria morada, preparar o solo úmido e selvagem para o plantio, cultivar os próprios alimentos e providenciar o combustível que iluminasse as noites, espantar animais perigosos e precaver-se contra ataques dos moradores originários daquele vale tão inóspito quanto belo.

*"Bem que eu gostaria de ter tempo livre e as necessárias ferramentas literárias de auxílio para poder explorar cientificamente a linda natureza que nos cerca e, mais ainda, apreciaria ter alguém com quem repartir um prazer científico desses, envolvendo a natureza"*, escreveu ao irmão Hermann meses após a travessia do Atlântico.

No sonho tropical que Fritz alimentou durante anos, o papel que reservou a si próprio era o de desbravador, coletor de espécies exóticas, de aventureiro em busca de evidências. Seria um naturalista-viajante. Mas só a partir do quinto ano no Brasil, passo a passo, logrou dedicar-se a atividades que desafiavam mais o intelecto do que a força física.

Trabalhou como professor de crianças em Desterro, época em que conciliou os poucos alunos com a observação da vida marinha na Ilha de Santa Catarina. Mais tarde, tornou-se pesquisador agrícola do governo provincial, enviando relatórios sobre características de plantas e potenciais culturas para que os catarinenses pudessem desenvolver técnicas de cultivo adequadas ao solo e ao clima. Por último, foi nomeado naturalista-viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro, função que, enfim, conciliou trabalho remunerado às atividades de cientista em tempo integral.

Em meio à mata úmida do Vale do Itajaí ou à beira-mar, dividindo o teto com Caroline e sete meninas, no interior de cômodos espartanos mal-iluminados e dispendo de equipamentos rudimentares, Fritz Müller encontrou meios de realizar o projeto que concebera ainda na Europa: levar a vida como um estudioso do mundo vivo. Alcançou muito mais do que isso. Quando foi preso por suposta traição à comunidade que ajudou a construir, já possuía a estatura de herói nacional — embora a maioria dos blumenauenses não pudesse como compreender por que jornais do Rio de Janeiro o defendiam nas querelas políticas em que se envolvia. Muito menos os seis policiais acudidos naquela tarde de inverno tinham condições de imaginar que o velho de aspecto fantasmagórico, agora ameaçado de morte, era um grande cientista reconhecido mundo afora.

Antes de envolver-se na política turbulenta dos confins da América do Sul e vislumbrar a morte por fuzilamento como desfecho de uma condenação sumária em tempos de guerra civil, Fritz integrou uma rede de conhecimento intercontinental tecida pelo vacilante correio da segunda metade do século XIX. Por meio dos navios que aportavam em Santa Catarina, correspondências de todo canto traziam ecos das vozes que sonhava ouvir de perto, de pessoas que lhe eram íntimas sem nunca tê-las visto. Remeteu cartas com regularidade, não raro acompanhadas de desenhos ou mesmo espécimes, a colegas que solicitavam auxílio na observação de um determinado aspecto de animal ou planta. Homens que jamais pôde encontrar pessoalmente tornaram-se colaboradores, amigos próximos e confidentes.

Cientistas célebres, como Ernst Haeckel, Alexander Agassiz e August Weismann, tomaram-lhe emprestados os sentidos aguçados e a paciência de João-de-Barro, habilidades que o faziam colher evidências às bicadas, uma a uma, e engendrar ideias complexas até mesmo para alguns dos mais privilegiados cérebros da época. Não raras vezes os destinatários, impressionados com o conteúdo das cartas, remeteram os textos para periódicos científicos europeus. Fritz Müller colecionou mais de 260 publicações, muitas em revistas de alta reputação até hoje, como a britânica *Nature*. Ajudou a erguer os

alicerces do que viria a ser a Biologia moderna e descreveu intrincados mecanismos da natureza até hoje reconhecidos e estudados.

Não bastasse tudo isso, contribuiu decisivamente para uma das maiores revoluções científicas da história. A partir de observações empíricas feitas no Brasil, descreveu em detalhes microscópicos fatos que endossaram a Teoria da Seleção Natural das Espécies no momento em que seu autor, Charles Darwin, mais precisou de apoio. Fritz Müller é considerado um dos principais colaboradores de Darwin (em volume e importância).

Ter alcançado tanto nas condições precárias determinadas pelo curso de sua vida improvável eleva a biografia deste cientista teuto-brasileiro ao patamar do extraordinário. E ainda assim, poucos o conhecem no país que escolheu viver e pesquisar. Neste Brasil tão descuidado com o conhecimento e a educação, Fritz Müller, sua obra fantástica e sua vida intrigante estão sob a guarda de um pequeno grupo de entusiasmados admiradores, a maioria gente da academia: historiadores, professores e pesquisadores das ciências naturais.

Por ocasião do bicentenário de nascimento do naturalista, em 2022, uma série de eventos, publicações, reportagens e ações educativas reavivou Fritz e seu legado, principalmente em Santa Catarina, onde a passagem dele deixou numerosas marcas, inclusive o túmulo onde estão seus restos mortais, em Blumenau. Mas ainda é pouco em comparação ao tamanho da figura em questão.

Fritz Müller é, provavelmente, o mais importante intelectual catarinense em todos os tempos e o principal biólogo brasileiro do século XIX. Sua história precisa ser contada e recontada, e de maneira que um público mais amplo compreenda sua dimensão para o Brasil e para a humanidade. É esta a tarefa a que este livro se propõe.

Aos 71 anos de idade, prisioneiro de uma guerra que estava só começando e ameaçado de morte, Fritz Müller preencheu o ócio com reminiscências. Percorreu a própria vida em retrospecto enquanto aguardava decisão sobre o suposto crime de guerra cometido em sua casa após a batalha do Morro do Aipim. Retornou mentalmente até a Alemanha e a uma história que ouviu muitas vezes em conversas familiares. Nela encontrou precedente para o próprio desgosto:

“Durante esse período de encarceramento lembrei-me dos meus dois avôs que, após a Batalha de Leipzig, quando Erfurt ainda estava nas mãos dos franceses, foram presos por estes como reféns, juntamente com mais 10 respeitáveis cidadãos”.

Raízes familiares ligavam o pequeno cárcere da intendência de Blumenau a um outro, ocupado 80 anos antes por antepassados alemães de Fritz Müller em circunstâncias igualmente inglórias.